

CAPÍTULO I

O ESPORTE E A EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL ANTES DA CRIAÇÃO DA EsEFEx

Primórdios do Esporte no Brasil

Para uma melhor compreensão do esporte no Brasil, faz-se necessário desenvolver uma análise desde os primórdios da colonização do país pelos portugueses até a criação da EsEFEx. Esta análise será feita, estabelecendo um paralelo com a presença do Exército nas atividades esportivas do Brasil.

A História da Educação Física brasileira, segundo Alves de Mattos (1958), começa a partir de 29 de março de 1549, na frota de Tomé de Souza, primeiro governador-geral, quando desembarcou, na baía de Todos os Santos com o padre Manoel da Nóbrega e outros jesuítas para iniciarem o seu trabalho de catequese e de ensino.

Embora tenham sido expulsos em 1789, pelo Marquês de Pombal, as bases da educação jesuíta permaneceram na sociedade brasileira por muito tempo.

Inezil Penna Marinho (1943, p. 13) relata a respeito dos costumes físicos dos nossos antigos habitantes. Os índios, senhores da terra, antes da descoberta de Pedro Álvares Cabral, viviam em íntimo contato com a natureza. A utilização da força física surgia pelo aspecto utilitarista, em função das necessidades do meio e da manutenção da própria existência. Assim sendo, dedicavam-se a atividades físicas vistas como indispensáveis, tais como, pesca, caça, natação, canoagem, corridas, marchas, arco e flecha e equitação, todas caracterizadas pelo seu utilitarismo e pela necessidade de sobrevivência.

As atividades físicas naturais a que se entregavam os índios brasileiros, mais ou menos idênticas em todas as civilizações primitivas, não tinham por finalidade a valorização do homem pelo exercício, como acontece hoje de maneira sistemática. Por instinto, sabiam os silvícolas que, na dura luta pela existência, somente os fortes e os de elevado valor corporal poderiam sobreviver (JORDÃO RAMOS, 1982, p. 290-291).

Em relação às atividades físicas experimentadas na caserna² àquela época, infelizmente não há registros das realizadas pelo Exército português em solo brasileiro. Informações desta natureza seriam bastante relevantes, pela importância que gozou o Brasil no momento em que se tornou sede da monarquia portuguesa pela transferência da Família Real, e porque tais práticas poderiam ser consideradas como legado inicial herdado antes de outras influências ou métodos posteriormente aprendidos.

Ferreira Neto (1999, p. 5) afirma com profunda transparência e objetividade que a ligação entre a educação física e o militarismo não se constitui, tão somente, numa relação produzida no contexto social brasileiro, sendo este fato perceptível, também, em épocas remotas e em outros países.

A contribuição portuguesa na área da educação, neste período histórico, restringe-se precipuamente, à criação da Academia Real Militar. D. João VI, apesar do receio da Coroa

em oferecer à colônia ensino e cultura, criou em 4 de dezembro de 1810 a primeira escola superior do Brasil (TOBIAS, s.d). Esta, que é o berço da Academia Militar das Agulhas Negras³, diplomava os oficiais nas Ciências de Matemática e de Observação⁴. Tubino (1996, p. 16), relata que possivelmente havia a realização de atividades físicas pelos militares componentes dessa Academia. Alguns exemplos seriam a esgrima, a equitação e a natação. No entanto, uma vez mais, não foram encontrados relatos que nos comprovem efetivamente o real conteúdo do que era praticado à época. No campo cultural, demonstrando interesse pelo assunto, algumas publicações importantes sobre Educação Física foram lançadas em Portugal e chegaram ao Brasil: “Tratado de Educação Física e Moral” de Luiz Carlos Muniz Barreto publicada em 1787; “Tratado de Educação Física dos Meninos” para uso da nação portuguesa, com doze capítulos, de Francisco Melo Franco, em 1890; Tratado de Educação Física de Francisco José de Almeida, em 1891.

Mas apesar de tudo, no decorrer do tempo houve uma evolução das atividades físicas no Exército Brasileiro e no Brasil. Alguns fatores sócio-culturais contribuíram para este caráter evolutivo. Segundo Melo (1998, p. 50), a partir da década de 1820, percebe-se uma mudança crescente nos costumes e nos padrões de vida dos brasileiros. O país encontrava-se atrasado no campo do desenvolvimento social se comparado com a Europa. Com a independência, passaram a ser encaminhadas iniciativas no sentido de desenvolver o Brasil e torná-lo uma "grande nação".

Essas mudanças puderam ser inicialmente identificadas no Rio de Janeiro, a maior cidade da época. Os portos do Rio de Janeiro foram invadidos por produtos, costumes e novidades do admirável continente europeu. Com o desenvolvimento tardio do nosso

² Nome utilizado pelos militares ao se referirem ao Exército Brasileiro.

³ A Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), oriunda da antiga Escola Militar de Resende, situada na cidade de mesmo nome no estado do Rio de Janeiro, é responsável pela formação dos oficiais combatentes do Exército Brasileiro desde 1944.

sistema educacional, instalaram-se no Brasil muitas escolas de origem européia. Dois outros fatores contribuíram para aumentar a influência européia no Brasil: a decadência da escravidão negra, fato que repercutiu provocando mudanças profundas na economia da época, dando início a um processo de incentivo à imigração de europeus, principalmente alemães e italianos; e os primeiros passos da nossa industrialização, baseada no modelo inglês.

Dessa forma é possível se destacar o caráter eclético da cultura brasileira. Porém isso não significou uma passiva acomodação de idéias, mas constantes reelaborações entre os mais diversos parâmetros de pensamento, originários de muitos países e diferentes realidades. Sérgio Paulo Rouanet (1998, p. 5) afirma que: "*O Brasil é radical e culturalmente quase um resumo do mundo, um país que não é tanto multicultural como transcultural, em que a Europa se mulatiza*". Assim, Melo (2001, p. 26) alerta que se deve estar atento para considerar que a prática esportiva em terras brasileiras adquire um caráter próprio, específico, peculiar.

Tal processo, sem dúvida, trouxe mudanças significativas para o cenário social e cultural brasileiro, principalmente a partir da segunda metade do século XIX. Nesse contexto, o esporte encontrou terreno fértil e possibilidades de se estabelecer no país.

Havia, um contexto favorável à implementação do esporte pela mudança da estrutura econômica nacional, pelo posterior desenvolvimento da industrialização, pelo crescimento da zona urbana e pelo surgimento do segmento empresarial no Brasil. Fenômenos ainda incipientes nas primeiras décadas do século XIX, mas que no seu decorrer foram se acentuando e tornando-se marcantes (MELO, *op. cit.*, p 14 - 15). Com a importação dos modismos e de bens culturais europeus, os esportes institucionalizados chegaram ao Brasil.

⁴ Física, Química, Mineralogia, Metalurgia, História Natural e demais Ciências Militares.

No Brasil, o campo esportivo já se estruturara desde os anos 1860, mas o impulso necessário para seu desenvolvimento e aceitabilidade como prática cultural adequada, física e moralmente, inclusive a partir de reorientações internas nos seus sentidos, se deu com a chegada ao país de preocupações mais vinculadas à saúde dos indivíduos e à "saneabilidade" das cidades. Naquele momento, pode-se também perceber uma mudança significativa nos padrões estéticos corporais brasileiros, passando a serem mais valorizados os indivíduos fortes, atléticos e "saudáveis". E isso provavelmente pode ter contribuído ainda mais para a utilização do esporte como conteúdo nas aulas de Educação Física (MELO, 1998, p. 61).

Essas alterações sociais provocaram notórias transformações na prática das atividades físicas no Exército. Em 1 de março de 1858, pelo decreto n. 2.116, ficou estabelecido que dentre as práticas escolares figurariam a esgrima e a natação, para os cursos de Infantaria e Cavalaria da Escola Militar. No mesmo ano, a esgrima, a ginástica e a natação tornaram-se obrigatórias na Escola da Marinha. Em 1860, na Escola Militar e no Depósito de Aprendizes de Artilheiros (situado na Fortaleza de São João), foram nomeados instrutores de Educação Física Pedro Guilhermino Meyer e o Capitão Ferreira Costa, respectivamente. O Programa dessa época obrigava a prática de ginástica, esgrima e natação.

Quanto à prática esportiva, segundo o modelo inglês, no Brasil era embrionário conquanto começou a surgir interesse pelo esporte náutico. Uma atividade física ligada à própria identidade cultural brasileira muito praticada nesta época do Brasil Império, durante o período da escravidão no país, foi a capoeira. As outras práticas esportivas neste período eram: a esgrima, a equitação e a natação, praticadas desde 1810 na Academia Real

Militar para cumprir o decreto n. 2116. O esporte mais praticado no período imperial foi o remo o qual teve importantes regatas disputadas (TUBINO, 1996, p. 18).

Com o passar dos anos, a presença da Escola Militar na Praia Vermelha⁵ vem dar um grande impulso aos esportes aquáticos. Em 13 de maio de 1888, houve na enseada de Botafogo uma grande regata, de que participaram as Escolas Naval e Militar e que ficou conhecida na História do esporte náutico como a "Regata da Abolição". Os cadetes organizaram um clube, cuja renda fora empregada para obter meios que lhes permitissem a prática da canoagem. A pesca também encontrou grande aceitação naquele ambiente. A esgrima de baioneta, do mesmo modo que a de sabre, florete e espada, tinha sido oficialmente adotada, encontrando-se entre as aplicações militares. As escaladas, ao Pão de Açúcar e ao Morro da Urca, constituíam provas de tenacidade, coragem e resistência (JORDÃO RAMOS, 1966, p. 10).

No campo da Educação Física, Penna Marinho (1943, p. 41) ressalta que desde 1823, logo após a independência, já se falava em educação física e esporte nos projetos de estímulo e estruturação do ensino nacional.

Logo em 1832, ocorreu o pronunciamento do deputado Martim Francisco Ribeiro de Andrada, que defendeu a educação da sociedade, na comissão de definição da Assembléia Constituinte apresentando um projeto que recebeu emenda de José Mariano de Albuquerque Cavalcante propondo um prêmio àqueles que apresentassem um plano de educação física, moral e intelectual.

Apesar destas iniciativas, a implementação das atividades físicas ocorreu de maneira conturbada nas escolas públicas gerenciadas pelo governo. O sistema de ensino ainda não estava estruturado e havia resistências quanto ao caráter e à natureza das atividades.

Algumas ações governamentais tentaram diminuir estas resistências: em 1860, quando o inspetor geral de instrução pública do município de Corte incentivou a prática da ginástica⁶ e transpareceu sua preocupação a respeito de questões relativas ao espaço para efetiva implementação de exercícios ginásticos nas escolas; a tradução e distribuição, em 1870, do “Novo guia para o ensino da ginástica nas escolas públicas da Prússia”, que não só proporcionou uma forte contribuição para estruturação da Educação Física nas escolas, como também apresentou parâmetros para lecionar segundo o método Alemão de ginástica (MELO, *op. cit.*, p. 55).

Cunha Jr (1998, apud MELO, p. 53) afirma que é principalmente a partir da segunda metade do Século XIX que se observa a presença da educação física nas escolas brasileiras, com maior regularidade. É também a partir desse período que as publicações específicas sobre o tema começam a surgir. Porém, se a educação física ainda não possuía cursos de formação de professores, pode-se questionar sobre quem ministrava as atividades físicas nas escolas e sobre quem produziu seus livros, manuais e teses, ou seja, quais as categorias profissionais que se responsabilizaram pela Educação Física naquele período.

Segundo Victor Andrade de Melo (1998, p. 25), os militares se destacaram como responsáveis pela execução das aulas de educação física durante o Século XIX. As Escolas Militares sempre demonstraram preocupação com o preparo físico de seus alunos, o que era visto não só como meio de manutenção da boa forma do combatente, mas também como maneira útil para disciplinarização da tropa. Assim além de ministrar as atividades físicas nas Escolas Militares esses profissionais atuavam também no meio civil

Evidência dessa presença de militares no meio civil pode ser encontrada em 1881, quando foi pela primeira vez nomeado oficialmente um professor de ginástica na Escola

⁵ Em virtude do decreto n. 2.116, de 1 de março de 1858.

Normal, situada no Município da Corte: o capitão Ataliba M. Fernandes. Outro indício pode ser encontrado na obra de Hely F. Câmara e Euclides Andrade, quando comentam a constante presença de instrutores formados pela Escola da Força Pública de São Paulo ministrando exercícios em associações e estabelecimentos de ensino particular.

Por outro lado, os médicos não ficavam fora desse processo embora, aparentemente, parecessem menos presentes. É possível perceber que os militares se encontravam mais diretamente ligados à “*prática*”, diretamente voltados para as atividades de ensino, enquanto os médicos estavam na academia (nas Faculdades de Medicina), teorizando sobre a educação física, começando a imprimir um caráter “*científico*” à área.

Tão importante quanto identificar a precoce presença de militares ligados à docência de exercícios físicos, é perceber a forte influência e presença do Método Alemão⁷ nos primórdios dessa prática no Brasil. O grande número de imigrantes alemães que no Brasil continuavam com seus hábitos gímnicos, a guarda imperial, uma força militar brasileira que possuía raízes austríacas devido a influência de nossa imperatriz⁸, e a influência do Exército, que adotou como oficial o Método Alemão em 1860, tiveram grande influência na implantação da ginástica no Brasil, segundo os moldes desse método.

A 12 de setembro de 1882, Rui Barbosa, influenciado por pensamentos de Jean Jacques Rousseau, com uma profundidade notável sobre o que ocorria nos países mais adiantados, emitia um extraordinário documento sobre educação, ponderando o papel da educação física no contexto educacional, relatou e opinou de forma favorável à inclusão e ao implemento da educação física nas escolas. ‘Não pretendemos formar acrobatas nem

⁶ Em 1854 foi expedido o ‘Regulamento de Instrução primária e secundária do Município de Corte’ que incluía a ginástica no rol das disciplinas curriculares do ensino primário.

⁷ O método Alemão, principalmente a partir de Friederich Ludwig Jahn (1778-1825), pensava a prática da ginástica, com forte caráter militar, como forma de manter o povo ‘forte e saudável’. Com forte teor de civismo e patriotismo, estava diretamente ligado aos movimentos nacionalistas alemães.

⁸ Maria Leopoldina Josefa Carolina de Habsburgo nasceu na Áustria (1797) e além de imperatriz do Brasil, esposa de Dom Pedro I e mãe de Dom Pedro II, era arquiduquesa da Áustria.

Hércules, mas desenvolver na criança o quantum de vigor físico essencial ao equilíbrio da vida humana, à felicidade da alma, à preservação da pátria e à dignidade da espécie”.

Em 1892, fundaram-se no Rio de Janeiro diversos clubes de regatas. A educação física passava a ser defendida ainda mais pelo aspecto da Eugenia da raça. Segundo Pagni (1997, p. 69 - 70), esta transformação pretendida, dependia da educação geral da população. E a educação física era uma das medidas a ser adotada por essa educação geral. Nesse projeto, a educação física tinha um papel fundamental na solução dos problemas relacionados à saúde individual e coletiva, bem como na formação do caráter e da identidade própria do chamado homem brasileiro. Essa pretensão foi reforçada, porém, com a difusão da prática do esporte que começava a ser adotado por alguns segmentos da nossa população no final do Século XIX, abrangendo no início do Século passado, grande número de entusiastas e praticantes nos diferentes setores sociais. O esporte, desenvolvido durante esse período não pressupunha os mesmos sacrifícios exigidos pelos exercícios físicos tornados obrigatórios em algumas escolas. A prática dessa atividade assume um caráter mais relacionado à espontaneidade e a uma certa visão romântica de contato com a natureza, desenvolvida por algumas pessoas e praticada nos domingos e feriados, aglutinando não só seus praticantes como também um grande número de espectadores.

Porém a polêmica em torno do esporte continuava, Pagni (*op. cit.*, p. 71), relata que Lima Barreto foi um dos que se levantou contra o esporte e nesta luta, comentou sobre os efeitos da difusão do esporte no país: "*as pugnas, lutas, rixas, conflitos e até tentativas de suicídio que ele suscita*". Uma outra opinião discordante quanto à difusão do Esporte, no início do século passado, no Brasil, encontra-se no livro "*O Esporte está Deseducando a Mocidade Brasileira*" de Carlos Sussekind de Mendonça, 1921. Nesse livro, de acordo com Fernando de Azevedo, esse médico defendia que a prática e a difusão do esporte

durante esse período havia incentivado nossa mocidade a abandonar os estudos, o cultivo da inteligência e do espírito.

Essas resistências à difusão do esporte, nesse período, indicavam a preocupação com o caráter de alguns esportes, como o futebol, pelo fato de acreditarem que promoviam a violência, e desenvolviam hábitos e um vocabulário impróprio entre as pessoas, assim como desviavam a juventude dos estudos e do cultivo espiritual. Tais recriminações ao esporte mostravam justamente o contrário, que seus entusiastas defendiam: sua capacidade em aprimorar a constituição física das pessoas, promover através de seus códigos e regras o "*Fair Play*", auxiliar na formação do cavalheiro.

A única coisa que durante esses debates, concordavam os opositores e os entusiastas do esporte era sua capacidade de penetração e de aceitação popular. Porém, críticos e defensores do esporte o avaliavam de modo diferente. Para os opositores era entendido como algo negativo, pois ao estimular o cultivo de hábitos e costumes bárbaros, reforçaria uma tendência já existente entre a maioria das pessoas e seria característico de uma cultura fragmentada como a existente em nosso país. Pior que isso, acreditavam que essa atividade daria vazão ao irracional emanado do corpo. Para os entusiastas, a difusão do esporte era concebida como sendo algo positivo, pois representava a possibilidade de auxiliar a educação de um grande número de pessoas: em especial fazendo com que estas desenvolvessem uma maior capacidade de controle de seus próprios instintos de paixões.

O que importa notar na polêmica em torno do esporte ocorrida nesse período é o fato de que ela vai alimentar, posteriormente, toda uma discussão pedagógica sobre o esporte, tentando adequá-lo a uma certa idade e incluindo-o num programa de educação física para as crianças e jovens.

Essa situação se delineia durante os anos de 1910 e, principalmente, a partir dos anos 1920, quando se começa a mostrar como o esporte se constitui em um meio que, sem desprezar as características de nossa constituição cultural e racial, pode conduzir, desde que precedido de um treinamento físico e psíquico, um aprimoramento do caráter do homem brasileiro.

Fernando de Azevedo (apud PAGNI, *op. cit.*, p. 74) não obstante sua luta em prol da extensão da rede pública de ensino e da extensão do ensino obrigatório para toda a população, ele foi um dos pioneiros na abordagem das questões relativas à Educação Física e ao Esporte. Segundo Azevedo o esporte deveria ser introduzido numa parte da aula como complemento da ginástica. Ele acreditava ainda que, juntamente com a ginástica, o esporte seria capaz de auxiliar na canalização da energia sexual exuberante. Nesse programa, o esporte era tratado tanto como um meio de conseguir civilizar os costumes, reprimindo os instintos e paixões expressas pelos indivíduos, quanto sua prática pressupunha autodomínio e uma atividade pela qual se podia avaliar o grau de civilização dos indivíduos e de um povo.

Paralelamente às inovações sociais, o desenvolvimento da educação física e do esporte prossegue no Exército. Pelo decreto n.º 330, de 12 de abril de 1890, ficou determinado, dentre outras disposições, que nas Escolas Militares da capital federal e do Rio Grande do Sul haveria uma sala d' armas, campo de exercício e linha de tiro, picadeiro, barca e mais aparelhos necessários ao ensino de natação, trem de pontes, ferramentas e utensílios para os trabalhos de guerra. Ainda no mesmo ano o decreto n.º 371, de 2 de maio, referente ao Colégio Militar, dispunha que os alunos seriam distribuídos em quatro companhias, atendendo, tanto quanto possível, ao seu desenvolvimento físico e intelectual.

Estavam incluídas matérias como nomenclatura e manejo de armas em uso, tiro ao alvo, esgrima, evoluções militares, natação, ginástica e música.

Algumas alterações no ensino militar, face ao avanço das ciências e das artes, ocorreram sob a orientação pedagógica do Marechal Mallet, Ministro da Guerra do Presidente Campos Sales (1898 - 1902). Para Mallet, o ensino deveria ser gradual, contínuo e intensivo; adestrar com rigor as unidades; executar a prática nas linhas de tiro e nos campos de instrução; e, por fim, adotar a didática do “fazer para aprender” por oposição do ensino “livresco” (FERREIRA NETO, 1999, p. 26). Tais modificações, direta ou indiretamente, provocaram posteriores reflexos no desenvolvimento das atividades físicas.

O permanente processo de modernização do Exército no início do século passado fez com que, em 1905, o Marechal Hermes da Fonseca não medisse esforços à frente do Ministério da Guerra do Presidente Afonso Pena, para defender medidas, tais como: a criação de grandes unidades militares, a instituição do serviço militar obrigatório, a criação dos tiros de guerra e a modernização do ensino militar. Ainda neste mesmo ano, ocorreu uma iniciativa, de caráter nacional, no que se refere a formação do profissional da área de Educação Física: o projeto do deputado amazonense Jorge de Moraes. Tal projeto previa a criação de duas escolas de educação física, uma civil e uma militar, que preconizava a ginástica sueca (GUTIERREZ, 1980, apud TUBINO, *op. cit.*, p. 21). Esse projeto, embora aprovado, não se concretizou.

Ainda por incentivo do Marechal Hermes, a partir de 1906, vários grupos de oficiais foram enviados para estagiar no Exército Alemão. Todavia, o projeto dos germanófilos⁹ ou “jovens turcos” foi sustado pelo advento da primeira guerra, o que

⁹ Denominação dada a um grupo de oficiais brasileiros defensores do modelo Alemão de Exército.

inviabilizou a contratação de instrutores alemães. A Escola Militar havia adotado o chamado Método Alemão de ginástica que prevaleceu até 1912 quando passou, conforme explica Penna Marinho (1943), a ser substituído por uma orientação francesa.

Essa mudança de orientação deu-se graças à atuação da Missão Militar Francesa¹⁰ que em 1907, contratada para ministrar instrução na Força Pública de São Paulo, conseguiu, em 1909, contribuir para criação da primeira Escola de Educação Física no país, naquela corporação militar, formando os primeiros instrutores e mestres em esgrima, já naquele ano (TUBINO, *op. cit.*, p. 20).

Em relação ao Esporte no Exército, desde 1911, faziam parte das equipes de futebol dos principais clubes do Rio de Janeiro, vários militares, alunos das escolas militares e oficiais em tão grande número que constituíram uma seleção militar para enfrentar a do Chile aqui trazida pelo América futebol clube.

Vários desses oficiais servindo na Vila Militar organizaram equipes em seus quartéis e foram iniciadas as competições amistosas utilizando o ótimo campo construído ao lado do 1º RAM¹¹ (Regimento de Artilharia Montado) por iniciativa do então Tenente Francisco Mendes, notável atleta do Fluminense Football Club. Como consequência lógica, dado o interesse despertado pelas competições, veio em 1915 à fundação da Liga Militar de Futebol¹², com estatuto próprio e tendo como presidente, o Coronel Chrispim Ferreira.

Em 1920 passou a denominar-se Liga de Sports do Exército¹³ (sic), sob a presidência do Coronel Estellita Werner, sem, contudo nada ter realizado em proveito dos

¹⁰ A contratação da Missão Francesa para instruir a Força Pública, marca o início do processo de profissionalização dos agentes policiais militares paulistas. Esta missão chegou a São Paulo em 1906, sendo precursora das missões militares estrangeiras no Brasil.

¹¹ . Atual 1º Grupo de Artilharia de Campanha Auto Propulsado

¹² . Aprovado pelo Aviso Ministerial 966, 22 Jun. 1915 e Boletim do Exército 435 de 30 Jun. 1915.

¹³ . Aprovado pelo Aviso Ministerial 534, 31 Jul. 1920 e Boletim do Exército 326 de 5 de Ago. 1920.

demais esportes, até que em junho de 1922, já sob a influência da missão francesa e, tendo em vista a organização das competições comemorativas do centenário de nossa independência, a Liga reuniu-se com a Comissão Militar Sportiva (sic) e as comissões especiais designadas para os Jogos Latino-americanos pela Confederação Brasileira de Desportos, a fim de dirigir os esportes hípicos, o atletismo, o tiro, a esgrima, o futebol e o pentatlo moderno, pela primeira vez disputado na América do sul (Aviso Ministerial 130, 26 Dez. 1921).

Após esta competição, os militares verificaram que nossa inferioridade esportiva tinha como causa primordial a deficiência de preparo físico de nossos atletas. Para suprir esta deficiência, na Escola de Sargentos de Infantaria o então Capitão Barbosa Leite e o Tenente Jair Dantas Ribeiro auxiliados por mestres franceses, editaram um manual de Educação Física que foi seguido por todos os instrutores de educação física em substituição ao folheto denominado “Regulamento de Ginástica a Pé”.

O ano de 1924 foi de relativa inatividade face à situação política que atravessava o país, ainda assim foi efetuada uma competição atlética entre os corpos da primeira divisão de Exército e os selecionados dos setores da Artilharia de Costa. Nesse ano foi iniciada a construção do estádio da Fortaleza de São João.

Em 1925, a Liga institui o primeiro campeonato divisionário com provas de atletismo, jogos e natação, realizadas na vila militar e na praia da Urca. Em outubro inaugurou-se o estádio da Companhia de Carros de Combate na qual passa a ter sede provisória a Liga de Sports do Exército.

Para a temporada de 1926 são organizadas diretrizes fixando o programa anual com os esportes e provas a serem efetuadas, sob a direção técnica do Tenente Antônio Carlos

Bittencourt. A 27 de abril abrem-se as atividades da Liga com uma grande festa esportiva em homenagem a seu novo presidente, o General Potyguara.

Nos anos de 1927 e 1928, também foram solenemente abertas as atividades da Liga com duas magníficas festas, efetuadas a 6 de abril no estádio da Companhia de Carros de Combate com homenagens ao seu presidente General Malan e a 28 de junho no estádio da Fortaleza de São João, já quase concluído. Foram organizados os campeonatos de jogos, atletismo, hipismo, tiro, natação e esgrima.

Em 1929, com inúmeras dificuldades foram suspensas as atividades da Liga. Mesmo assim, fez ela efetuar o quarto campeonato de pentatlo moderno. Semanalmente reuniam-se os dirigentes da Liga, sob a presidência do General Malan, sendo esboçado o grande programa de competições, inclusive a realização da I Olimpíada do Exército, abrangendo diversas Unidades Militares e esportes. Tudo organizado, obtido o patrocínio, os troféus oferecidos pelos diversos órgãos da imprensa, parecia realizável este sonho. Porém um despacho dado nas entrelinhas de um ofício levou o Presidente a declarar "perdemos a batalha". Estava encerrada a vida da Liga de Sports do Exército, pois nada mais foi possível realizar (SILVA, 1947, p. 3-7).

No que se refere à questão da adoção específica de uma missão de instrução para a modernização do Exército brasileiro, esta permaneceu entre Alemanha e França, constituindo uma disputa à parte na concepção de diversos militares. No entanto, segundo Domingos Neto (1980, p. 59 - 60), o desenrolar da história mostra que os conflitos entre germanófilos e francófilos¹⁴, foram diluindo-se pela união da farda. As atividades dos adeptos do modelo francês e alemão tinham um objetivo único, de levar a bom termo a modernização do Exército. Naturalmente após a derrota alemã em 1918, as duas propostas

¹⁴ Denominação dada a um grupo de oficiais brasileiros defensores da aplicação do modelo de exército francês ao Exército nacional.

uniram esforços em torno de uma efetivamente viável. A partir do mesmo ano, os “jovens turcos” deixaram de existir efetivamente como grupo organizado. Pandiá Calógeras e Setembrino de Carvalho pronunciaram-se favoráveis à entrada da Missão Francesa na Escola Militar do Realengo¹⁵. Motta (1976, p. 316) coloca que Calógeras reivindicou que *“é preciso colocar a Escola sob o influxo da Missão, a fim de assegurar ao quadro de oficiais homogeneidade intelectual”* ao que Setembrino afirmou, *“é cada dia mais urgente fazer-se sentir, de modo direto [...] a influência pessoal dos instrutores franceses”*.

A partir de 1919, o Exército passou a receber influências efetivas das Missões Militares Francesas com vistas à sua modernização. Sob orientação do General Maurice Gamelin foram definidas as linhas gerais deste projeto. As metas principais foram: adoção e aplicação da lei do serviço militar, ampliação dos efetivos como consequência do serviço militar obrigatório, renovação do armamento e melhoria das instalações, implantação de uma nova estrutura organizacional e reforma completa do ensino com ênfase na formação profissional.

Em relação à educação física, os conteúdos do método francês são os jogos (mais apropriados para as crianças), a ginástica, predominantemente utilizada na instrução física militar, que, por sua vez, compõem a lição de educação física (sessão preparatória, lição propriamente dita e volta a calma), os esportes individuais e os esportes coletivos (DOMINGOS NETO, *op. cit.*, p. 50).

Além do regulamento geral, o documento básico do método Francês de Educação Física, que quase todas as disciplinas de currículo escolar utilizavam, eram de preferência, as publicações francesas da época, especialmente os folhetos da Escola Joinville-le Pont,

¹⁵ Dentro da evolução das escolas de formação dos oficiais do Exército, a Escola Militar do Realengo, localizada no Rio de Janeiro, antecedeu a Escola Militar de Resende, vista anteriormente.

complementados pelas obras de Demeny, Hébert, Boiget, Lagrange, Bellin de Couteau, Tissié, Marcel Labbé, Labrosse e muitos outros (JORDÃO RAMOS, 1966, p. 12).

Definitivamente, em 27 de abril de 1921, pelo decreto n. 14.784, foi aprovado por Epitácio Pessoa e João Pandiá Calógeras, respectivamente Presidente da República e Ministro de Estado da Guerra, o Regulamento de Instrução Física Militar destinado a todas as armas, calcado no método de Hébert, adaptado às teorias de Joinville Le Pont.

A chamada linha doutrinária francesa ganhou destaque a partir de 1921, quando o decreto n.º 14784, através da aprovação do regulamento de instrução física militar, substituiu o Método Alemão definitivamente.

Em 10 de janeiro de 1922, foi criado o Centro Militar de Educação Física, destinado a dirigir, coordenar e difundir o novo método de educação física, e suas aplicações esportivas.

Sob a direção dos missionários franceses, um novo tipo de Oficial se formava nas Escolas Militares. Tratava-se de um tipo de militar que não ganhou as manchetes dos jornais. Era um Oficial que gastava seu tempo na preparação técnica, dedicava-se ao estudo, tinha forte condicionamento na disciplina, respeitava a hierarquia, compreendia o valor da união e do espírito de corpo. Um oficial que, julgava-se o construtor da nação, estudava os problemas nacionais e formulava teorias a respeito do futuro do Brasil. Este novo tipo de oficial passava seu tempo a estudar as técnicas militares modernas e se interessava pela instrução e pelo treinamento da tropa. Aprendeu com os franceses o que era um Exército moderno, tecnicamente eficaz, unido e disciplinado (FERREIRA NETO, 1997, p. 9).

No currículo da Escola Militar do Realengo de 1924 há um retorno de disciplinas de caráter teórico combinado com estudos práticos. Surgem os estudos teóricos do

‘Regulamento de Instrução Física’, ‘Noções de Higiene’ e ‘Noções de Anatomia e Fisiologia’. A educação física recebe destaque no ensino do Exército (MOTTA, *op. cit.*, p. 322).

Em 15 de janeiro de 1931, o General José Pessoa assume a direção da Escola Militar do Realengo anunciando mudanças. O período histórico vivido foi o do governo provisório de Getúlio Vargas. O general afirmava que as modificações seguiam os moldes de escolas militares americanas, francesas e inglesas, sendo que a formação do oficial brasileiro tinha como base a educação física; como meio, a cultura geral científica; e como fim, uma rigorosa preparação profissional. Como marco da direção de José Pessoa tem-se a criação do Departamento de Educação Física, ato de pioneirismo no campo da administração escolar. Até então, a educação física não era centralizada num só organismo com funções de planejamento e execução (TUBINO, *op. cit.*, p. 27 - 28).

Durante muito tempo, mesmo depois de passada a fase tormentosa da consolidação da República, cheia de revoltas e incompreensões, não teve o Exército uma orientação racional e segura na preparação física de seus soldados apenas uns poucos oficiais, jogadores de futebol e remadores dos clubes da época se interessavam pelo assunto. Embora lentamente, é verdade que, com o tempo, o movimento em torno das atividades físicas foi crescendo (JORDÃO RAMOS, 1966, p 11).

Dois fatos que merecem registro no início do esporte no Brasil são: o recebimento do primeiro galardão do comitê olímpico internacional, quando a Santos Dumont coube o diploma Olímpico de Mérito sendo, segundo Jordão Ramos (1982, p. 295), a terceira personalidade mundial a recebê-lo; e em 1920, a nação participava pela primeira vez dos Jogos Olímpicos da era moderna, disputando os Jogos da Antuérpia, ganhando, no tiro uma

medalha de ouro com o Tenente Guilherme Paraense, uma medalha de prata com Afrânio Costa e uma medalha de bronze na competição por equipe.

Evolução Contextual do Esporte / Educação Física no Período Anterior a Criação da EsEFEx

Nesta parte do estudo foram relacionados os fatos ligados diretamente aos antecedentes da criação da EsEFEx, abordando o processo evolutivo de sua criação.

O pensamento erudito de Ruy Barbosa, ao relatar na Câmara dos Deputados, em 1882, um projeto de reforma da instrução pública em que se enfatizava explicitamente a educação física, como também a visão de estadista do Dr. Jorge de Moraes, ao apresentar publicamente, em 1905, um projeto de criação de "escolas de educação física" no Brasil, tiveram ambos apoio do Exército Brasileiro cujos porta vozes justificaram-no como "pioneiro das causas nacionais" (Boletim Escolar n.º 241 de 19 de outubro de 1946, EsEFEx).

A valorização da prática sistematizada de exercícios físicos por militares, numa perspectiva atual, pressupõe sua utilidade na manutenção da boa forma do combatente e pela crença que constituía instrumento de aperfeiçoamento disciplinar da tropa. Os exercícios em ordem unida são muito úteis, pois produzem disciplina, coesão, e absoluta obediência às ordens do chefe. Estes exercícios permitem que a tropa execute movimentos com ordem e rapidez de acordo com o desejo do seu comandante a despeito dos perigos, dificuldades e privações (FACÓ, 1952, p. 188).

Segundo Melo (2000), parece evidente que em muitos países, os militares foram os pioneiros a incluir em seus programas de formação conhecimentos ligados à prática de

exercícios físicos, tendo por isso grande influência na organização e no desenvolvimento inicial da educação física nas escolas e na sociedade como um todo. Uma rápida leitura pela história dessas atividades no mundo, permite perceber inúmeros militares ligados ao desenvolvimento, como, por exemplo, na concepção, implementação e divulgação de alguns métodos gímnicos¹⁶.

Se a influência dos militares já estava presente desde os primórdios, parece ter ficado ainda mais clara com a organização da formação profissional na Educação Física brasileira. No século XIX, os instrutores que ministravam as sessões ainda não contavam com um processo de formação sistematizado, sendo possivelmente preparados a partir de sua experiência prática e/ou de suas sessões nas Escolas Militares. Mas as primeiras décadas do século XX trouxeram novidades, também conduzidas e dirigidas por membros das Forças Armadas.

Os primeiros esforços de criação de uma instituição específica para a formação de professores/instrutores de educação física verificaram-se com a fundação de uma Escola de Esgrima, com sede no Batalhão de Caçadores (Quartel da Luz, São Paulo), por iniciativa do Coronel Pedro Dias de Campos.

Em 1919, um grupo de idealistas na Escola Militar, além de fundar a “União Atlética da Escola Militar”, se propôs a focalizar a sistematização da Educação Física nos meios militar e civil. Era um pequeno núcleo de oficiais e cadetes, influenciados pela missão indígena, cujos esforços haveriam de criar e consolidar da Escola de Educação Física do Exército. À frente deste movimento, achava-se o Tenente Newton Cavalcanti, seu incentivador maior, que mais tarde foi diretor da Escola (MOLINA, 1935, p. 4).

¹⁶Alguns exemplos de militares envolvidos com o desenvolvimento de métodos: Francisco Amoros y Ondeano e Georges Hébert (ligados ao Método Francês, aliás, desenvolvido fundamentalmente e essencialmente por militares) e Major J.G. Thulin (método sueco). Além disso, ainda temos casos de civis,

Os desentendimentos e reivindicações pela regulamentação da Educação Física crescem e aquele grupo de oficiais e cadetes de 1919, leva ao conhecimento do Presidente da República o manifesto da União Atlética da Escola Militar, lido durante um hasteamento de bandeira da Escola Militar.

"Devendo operar-se agora, por todo o território brasileiro, a nacionalização dos desportos e a regeneração da cultura física, a União Atlética da Escola Militar contribuindo para obra grandiosa que surge no seio dos moços, com a idéia da pátria e que se estende na vastidão da nossa terra com a força e a impetuosidade do civismo, lançam um "apelo" significativo em todos os sentidos e para todas as classes sociais, solicitando o apôio dos mestres e da juventude para que, seguindo aqueles a orientação medida dos que apregoam e difundem a cultura física, estes e executando os sábios exemplos de métodos concisos e exatos, tenhamos em breve, assinalados e compensados, todos esforços feitos que nos mostrarão, mais tarde, a atividade e a força, a energia e a beleza da nossa raça.

Queremos que, ao mesmo tempo, na vastidão brasileira, em todos os recantos, se lancem os alicerces graníticos desta cruzada e se convertam os músculos doentios e abatidos num estímulo morto, na vontade e na ação por uma conquista que enaltece e fortifica as almas.

Queremos que se transforme, de vez, a indiferença pela cultura física, e não se limite, somente aos centros privilegiados, a Escola de Atletismo e do Esporte.

Queremos que se equilibrem a força do cérebro e a rigidez dos músculos, para que êstes resistam ao trabalho afanoso das idéias.

Queremos que cada Estado da União, cada cidade, cada povoação do interior, palpitem com energia vibre, sinta patrioticamente o valor desta cruzada e ouça o "ápelo" dos moços militares.

Queremos que nos escutem, mas trabalhando também conosco, sem louvarmos a iniciativa antes de surgir o fruto.

Queremos ser amparados por todos, porque o trabalho, para ser completo, deve necessitar de todos.

Queremos que uma voz única e um só método ensinem, aos novos de hoje, os efeitos benéficos dos exercícios físicos e o seu valor entre a juventude brasileira.

Queremos que vejam, os irmãos de pátria, a grandeza desta idéia e lancem eles, em torno, o exemplo frisante deste "apelo".

Queremos, na rigidez e na educação dos músculos, materializar a cruzada que ora empreendemos, e, para isso, pedimos o apoio dos militares dentro e fora da caserna e o auxílio dos civis, nas escolas e nas sociedades desportivas organizadas.

como G. Demeny (método Francês) e Per Henrik Ling (método sueco) que desenvolveram seus estudos com apoio e/ou no interior de instituições militares.

Queremos que os diretores de estabelecimentos de ensino, os presidentes de agremiações de quaisquer espécies, os instrutores e jornalistas, avivem no seio de seus discípulos, de seus consórcios, de seus soldados, de seus leitores, o amor pela Cultura Física e procurem mostrar com lições, com interesse, com exemplos, com estímulos, o valor, a necessidade e os efeitos resultantes do desempenho desses preceitos.

A União Atlética da Escola Militar, criada no seio dos acadêmicos militares do Brasil, tem nos seus estatutos, um artigo que obriga o sócio a fundar, em qualquer ponto do território nacional onde esteja, uma sociedade de Cultura Física, auxiliando ainda, como instrutor, as classes estudiosas nos centros Desportivos e Atléticos.

Os mesmos estatutos, também, fazendo-a o ponto de onde emanam os raios orientadores do trabalho pela regeneração da Cultura Física no Brasil, permitem-lhe amparar, indicando métodos, facilitando a compra de materiais, guiando, enfim os que ouvirem e executam os planos estabelecidos.

Que se fundem, pois, nas escolas e entre jovens patrícios, Grêmios Esportivos e Atléticos; que os diretores de estabelecimentos de ensino amparem a iniciativa de seus discípulos; que os oficiais subalternos e comandantes de unidades recebam, com carinho e entusiasmo, a criação de centros desse gênero, que os Presidentes e Governadores de Estado e as autoridades de cada cidade auxiliem as agremiações criadas sob moldes da cultura física; que cada brasileiro, enfim, estimule os seus filhos para podermos ver realizada, em toda a nossa Pátria, de uma vez, a aspiração dos moços e tenhamos, um dia, caracterizado, no físico, o tipo ideal da raça brasileira”.

(Escola Militar do RJ, março de 1922 - Revista de Educação Física 1935, p 2).

Todavia, classicamente, considera-se que a campanha pela Educação Física no Exército data de 10 de janeiro de 1922 através do Boletim do Exército nº 431 publicado no dia 20 de janeiro de 1922, que ao apresentar a nova Organização do Exército, criava uma Escola de Educação Física. A materialização do ideal deu-se com a fundação do Centro Militar de Educação Física (CMEF) na Escola de Sargentos de Infantaria, Vila Militar, sendo o Ministro da Guerra o Sr João Pandiá Calógeras. Este Boletim baixou as instruções para o Centro Militar cujo objetivo era dirigir, coordenar e difundir o novo método de Educação Física militar e suas aplicações esportivas. A instrução compreendia três cursos: curso de Educação Física para oficiais (para primeiro e segundos tenentes); curso de Educação Física para Sargentos (para primeiro, segundo e

terceiros sargentos); curso de demonstração para Oficiais (para capitães, majores e tenentes-coronéis) os dois primeiros com duração de três meses e o último, um mês. Funcionou, inicialmente, na Companhia de Carros de Combate, chegando a iniciar, sob os auspícios da Liga de Sports do Exército, a primeira fase de sua vida efêmera, pois não chegou a formar sequer uma turma de instrutores, já que a Revolução de 1922 determinou seu fechamento. Daí em diante, não se cogitou em reiniciar os trabalhos do Centro, pois a série de movimentos armados havidos naquela época impediram por completo que este sonho se transformasse em realidade, embora a necessidade da inclusão da Educação Física como componente fundamental à formação da tropa, ganhasse força a partir dessa década. Dessa forma, a Educação Física no Exército se restringiu aos corpos de tropa e à Escola Militar, locais onde haviam oficiais formados nas turmas de 1920 e 1921 todos orientados pelo então Tenente Newton Cavalcanti e Ilídio Rômulo Colônia (MOLINA, *op. cit.*, p. 5).

Em 1929, sete anos após o fechamento do CMEF, ocorreu uma visita do Presidente da República Dr. Washington Luís, à Escola de Sargentos de Infantaria, acompanhado pelo Ministro da Guerra, Gen. Nestor Sezefredo dos Passos. Entusiasmado com o trabalho produzido com os alunos da Escola de Sargentos de Infantaria, pelo Tenente Inácio de Freitas Rolim e pelo Tenente Médico Virgílio Alves Bastos, preparados por Pierre de Seguir¹⁷, o Ministro Sezefredo determina, através de Aviso Ministerial, providências imediatas para criação do Curso Provisório de Educação Física, anexo à referida Escola. A condução dos trabalhos foi entregue à

¹⁷. Um dos grandes responsáveis para a realização desse curso foi o comandante do Exército Francês (hierarquia similar a major no Exército Brasileiro) Pierre de Seguir, que assumira a direção da educação física da Escola Militar em 1928. Pierre de Seguir veio em mais uma missão francesa de propagação do método francês e teve grande responsabilidade no desenvolvimento de metodologias para diversas práticas, principalmente de lutas, e na preparação de profissionais para o ministrar de cursos e aulas. Nessas

responsabilidade dos Tenentes Ignácio de Freitas Rolim e Virgílio Alves Bastos, que selecionaram uma turma de 10 Oficiais, 28 Sargentos e 20 professores públicos do Distrito Federal e formando a primeira turma de diplomados em Educação Física no Brasil. Em relação à participação desses últimos no curso fundador, alude-se que o Doutor Fernando de Azevedo, então Diretor da Instrução Pública do Distrito Federal, foi o maior sustentáculo no meio civil para o perfeito coroamento da obra iniciada. O método aplicado era eminentemente científico, com as bases pedagógicas, anatomo-fisiológicas e psicológicas na escola francesa de Joinville-le-Pont (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1933, n.º 4, p. 2).

O periódico “O Jornal” de 1 de janeiro de 1930, publicou em suas páginas um artigo que fez referência à solenidade de formatura dos primeiros técnicos militares de Educação Física relatando o seguinte:

‘Findo o juramento ¹⁸, o ministro da guerra e todos os presentes entraram no grande salão de suas aulas da Escola. Estava vistosamente ornamentado. O seu tecto era formado por uma bandeira nacional, trabalho em laços de papel de seda. Em logares destacados ficaram os convidados. O General Sezefredo e Altas autoridades tomaram assento à mesa que presidiu a sessão solene comemorativa do acto. Foram, então, proclamados pelo Capitão Caldas os nomes das 62 praças que concluíram o curso da Escola de Sargentos e foram promovidas a inferiores do Exército. Em nome da turma falou um dos alumnos.

Seguiu-se a entrega dos diplomas aos sargentos, em número de 28, que concluíram o curso de educação physica, bem como aos primeiros officiaes que o fizeram. Estes últimos são os seguintes: primeiros tenentes Laurentino Lopes Bonorino, Jarbas Cavalcanti Aragão, Dr. Hermilio Ferreira, Pindaro S Fonseca, Abilio Cunha Pontes, Sylvio Santa Rosa, Jacy Guimarães, José Carlos Freitas, Dr. Edgard Correia Mello e Olavo Menna Barreto.

Do segundo curso realizado em seis meses, no ano de 1930, os primeiros colocados foram aproveitados para serem instrutores das futuras turmas a se formarem pela Escola.

iniciativas, contava muitas vezes com o auxílio do prof. Alberto Latorre de Faria, futuro professor da ENEFD (MELO, 1996.).

¹⁸“Hei de transmitir aos meus descendentes a minha pátria maior do que recebi dos meus antepassados”.

Esta providência salutar, daí em diante posta em prática, permitiu uma rápida ampliação do quadro de professores, além de constituir um justo prêmio aos esforços despendidos (MOLINA, *op. cit.*, p. 6). Entre os formados, encontravam-se nomes que seriam de grande importância futura, como os tenentes Laurentino Lopes Bonorino, mais tarde um dos organizadores da pioneira educação física do Estado do Espírito Santo e Hermílio Gomes Ferreira, futuro professor e diretor da Escola Nacional de Educação Física e Desportos.

A influência do Exército na Educação Física daquele momento pode ser sentida inclusive nas palavras proferidas pelo Presidente da República Dr. Washington Luís, por ocasião da mensagem de abertura da legislatura de 1929 do Congresso Nacional:

"Por entendimento com as autoridades municipais, está sendo adotado, nos estabelecimentos civis de ensino primário, o método de Educação Física seguido no Exército. Uniformiza-se a Educação Física, constituindo mais um elemento para a unidade do povo. O método adotado é o da Escola de Joinville (...). Atualmente freqüenta a Escola de Sargentos de Infantaria um grupo de professores municipais (...). Os governos estaduais, consultados pelo Ministério da Guerra, solicitamente declararam-se prontos a secundá-los nessa útil iniciativa".

Porém as instalações da Escola de Sargentos de Infantaria eram, para a parte náutica, sumariamente precárias, então, o Ministro da Guerra Sezefredo Passos, transferiu imediatamente sua sede para outro local mais apropriado (FERREIRA NETO, 1999, p. 48). Depois de hesitações entre as ilhas do Governador, Paquetá e Fortaleza de São João, esta última foi escolhida, pelas vantagens econômicas e pela localização central, para ser o quartelamento do recém criado Centro Militar de Educação Física (CMEF)¹⁹. A 11 de janeiro de 1930, a Fortaleza de São João recebia os primeiros protagonistas da Educação Física no Brasil. Instalado inicialmente em um galpão na esplanada baixa da Fortaleza, o Centro Militar de Educação Física iniciou suas atividades com a abertura dos cursos de

¹⁹ Criado pelo Ato Ministerial de 11 de Janeiro de 1930.

Instrutor, Especialização (Medicina) e Monitores. O Comando do Centro Militar de Educação Física foi exercido pelo Comandante do Segundo Grupo de Artilharia de Costa²⁰, Coronel Flávio Queiroz do Nascimento. A direção técnica dos cursos foi assumida pelo Capitão Orlando Silva auxiliado pelos Tenentes Ignácio Rolim e Laurentino Lopes Bonorino e pelos médicos Virgílio Bastos e Hermilio Ferreira (Boletim Diário n.º 1 de 1 de fevereiro de 1930) Nesse mesmo ano, começa a expansão desse ensino e são criados centros regionais similares em São Paulo e Minas Gerais (FERREIRA NETO, 1999, p. 48).

Molina (*op. cit*, p. 5) afirma que em 1930, dois cursos foram realizados e um deles foi interrompido pelos acontecimentos de outubro.

Ao final de 1930, o país como um todo possuía formados 170 profissionais de Educação Física, além de mais alguns formados em outros países. Desses, 150 eram militares, sendo 130 formados pelo Exército e 20 pela Marinha. Os outros 20 eram civis, mas também formados pelos militares (MELO, 2000).

Em 1931, logo após uma pequena interrupção nos trabalhos do CMEF, o Ministro da Guerra general Leite de Castro tornou seu comando independente do da Fortaleza de São João e para esse cargo nomeou o velho Tenente da Atlética da Escola Militar, Major Newton de Andrade Cavalcanti.

Obras vultuosas e transformações do campo de treinamento foram empreendidas, construíram-se os pórticos de cimento armado e a torre de Hebert, modificou-se o traçado da pista que ao mesmo tempo deixava de ser terra de para ser de carvão, triplicaram-se os campos de vôlei e de basquete e duplicavam-se as pistas de salto em extensão e em altura (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, n.º 1, 1932, p 1).

²⁰ Aquartelamento situado nas instalações da Fortaleza de São João, na Urca.

No início de 1933, foi inaugurado o Ginásio Leite de Castro²¹. Um dia inteiro de júbilo motivado pela presença do Presidente Getúlio Vargas e movimentado por apresentações de ginástica e competições esportivas. O ginásio foi dotado de todas as instalações necessárias à execução do método regulamentar. Porém as transformações ministeriais havidas, a par da crise financeira e política, não permitiram que o plano de obras do CMEF fosse levado a termo, ficando em falta o departamento médico²² e o edifício da administração, provisoriamente instalados no próprio ginásio (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, n.º 4, 1932, p. 1).

A 19 de outubro de 1933, o Governo Vargas, pelo decreto 23252, cria / transforma o Centro Militar de Educação Física em Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx), dando-lhe nova organização, atualizando os seus currículos e ampliando os seus objetivos (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, n.º 12, 1933, p. 2). Por esse ato, estava criada a "célula mater" da formação de profissionais para a área no país (FERREIRA NETO, 1998, p. 291). Sendo nomeado seu primeiro comandante o Major Raul Mendes de Vasconcellos.

Em um ano o Centro Militar de Educação física adquiriu um progresso vertiginoso. Conseguiu achar sua grande rota. De um simples barracão de madeira, feito em princípios de 1931, pelo esforço dos seus primeiros e abnegados instrutores a um edifício maravilhoso, que contém um ginásio único no Brasil, quiçá na América do sul (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, n.º 1, 1932).

No que se refere ao esporte, pelo Aviso Ministerial 620 de 2 de setembro de 1931, extinguiu-se a Liga de Sports do Exército e o Centro Militar de Educação Física ficou com a responsabilidade de orientar e pugnar pelo desenvolvimento dos esportes no Exército.

²¹ Ordem de inauguração pelo boletim diário n.º 434 do CMEF de 20 de novembro de 1932.

²² A inauguração do Departamento Médico foi realizada em setembro de 1937 (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, n.º 34, 1937, p. 11).

O Centro Militar de Educação Física tendo como diretor técnico o capitão Orlando Eduardo Silva, único depositário do acervo da pré-extinta Liga de Sports do Exército, em reunião com o subdiretor técnico tenente Ignácio de Freitas Rolim e com o tenente Pedro Geraldo de Almeida discutiram uma forma de reviver as atividades da Liga. Neste sentido, associaram o esporte ao problema da Educação Física e concluíram que a solução era a criação de uma Diretoria de Educação Física, diretamente subordinada ao Ministro da Guerra. A Diretoria deveria ser constituída de três seções e uma delas desempenharia o papel da Liga de Sports do Exército, tendo como órgão técnico o CMEF (Boletim do Exército n.º 63 de 05 de setembro de 1931).

Extinta a Liga, e não tendo sido criada a Diretoria, suas atribuições foram dadas ao CMEF que assoberbado com seus inúmeros problemas e sem nenhuma autoridade hierárquica direta ou indireta sobre as regiões militares, nada mais pode ser que um órgão consultivo²³ (SILVA, 1947.).

²³. Nos anos de 1929 a 1932, não houveram competições no Exército Brasileiro. As unidades militares aguardavam as determinações do CMEF e como estas não se evidenciavam, foram sendo criadas diversas ligas.